

# PROUST, PERFIL DE UM TRADUTOR DA *BELLE ÉPOQUE*

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i25p71-83>

Luciana Persice Nogueira

Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

## RESUMO

A “era das traduções” de Marcel Proust coloca-o no cerne da arena política, intelectual e artística de seu tempo. Aspectos da história cultural fundamentam a compreensão das traduções de Proust enquanto estratégia de redefinição de seu perfil de escritor, assim como da importância da própria questão da tradução no quadro geral do antagonismo entre cosmopolitas e nacionalistas, que marca a *Belle Époque* francesa.

## PALAVRAS-CHAVE:

Proust.  
Tradução.  
Cosmopolitismo.  
Nacionalismo.  
*Belle Époque*.  
História cultural.

## ABSTRACT

Marcel Proust's “translation era” places him at the core of the political, intellectual and artistic arena of his time. Aspects of cultural history fundament the understanding of Proust's translations as a strategy of redefinition of his profile as a writer, as well as the importance of translation itself in the general context of antagonisms between cosmopolitans and nationalists, which characterize the French *Belle Époque*.

## KEYWORDS:

Proust.  
Translation.  
Cosmopolitanism.  
Nationalism.  
*Belle Époque*.  
Cultural history.

“**D**evemos nos preocupar unicamente com a impressão ou a ideia a traduzir” (“*On doit être préoccupé uniquement de l'impression ou de l'idée à traduire*”), escreve Marcel Proust (1871-1922) em *Contre Sainte-Beuve*<sup>1</sup>, sobre a tarefa do escritor. Essa ideia matricial nas obras ficcional e ensaística do romancista associa o processo criativo do artista e, mais especificamente, do escritor ao exercício da tradução – e revela, ao menos em parte, a importância, enquanto exercício, dinâmica ou metáfora, da tradução na concepção e na realização de seu trabalho escritural.

Antes de ser o aclamado autor de *A la Recherche du Temps Perdu* (1913-1927), Proust foi um dos principais tradutores da obra do pensador e esteta britânico John Ruskin (1819-1900) na França. Ao se propor a entrar no mercado editorial enquanto tradutor do polêmico esteta, Proust se lança no cerne da discussão específica concernente à obra de Ruskin e às suas traduções na França – o que lhe permite refazer suas imagem e reputação junto ao meio intelectual da época (que rejeitara seu primeiro título ficcional, *Les Plaisirs et les Jours*, 1896): seus artigos, crônicas, prefácios e posfácios serão amplamente divulgados, comentados e elogiados, garantindo-lhe uma mediatização positiva, que vai pavimentar a difusão e a recepção da futura obra-prima.

Essa polêmica, porém, é apenas uma das várias que se travam em meio a um embate de cunho ideológico mais geral que vinha dividindo opiniões ao longo do século XIX, e que se acirrou nos anos 1890. A chamada “era das traduções” de Proust<sup>2</sup> se estende de 1899 (início efetivo da tradução de trechos da obra de Ruskin, ainda a título pessoal, sem entendimento acertado com alguma editora) a 1906 (quando da publicação de seu segundo título; os dois títulos são *La Bible d'Amiens*, 1904, e *Sésame et les lys*, 1906); ela vai, a um só tempo, fomentar e se nutrir de um período culminante das batalhas acaloradas entre “os dois lados” dessa querela histórica.

## Anatomia de uma querela

<sup>1</sup> PROUST, Marcel. *Contre Sainte-Beuve* (Org. Pierre Clarac e Yves Sandre). Paris: Gallimard, 1971, p.645. Esboço de romance inacabado, escrito entre 1907 e 1909.

<sup>2</sup> Expressão do próprio Proust usada em carta à amiga Marie Nordlinger: “*Travaillez-vous? Moi, plus. J'ai clos à jamais l'ère des traductions, que maman favorisait. Et quant aux traductions de moi-même, je n'en ai plus le courage*” ([07/17/1906], *Corr.* VI, p.308; as referências à *Correspondance* de Proust serão abreviadas e seguidas do número do volume. O conjunto dos volumes é referenciado como se segue: PROUST, Marcel. *Correspondance I-XXI* (Org. Philip Kolb). Paris: Plon, 1976-1990.). A amiga será co-tradutora das obras em questão, embora não queira assiná-las. A “tradução de si mesmo” refere-se ao projeto ficcional do autor que, nesse período, está estagnado devido ao luto pela morte da mãe.

O embate ideológico e artístico que envolve a questão da tradução, travado durante a *Belle Epoque*, constitui apenas um entre os muitos os avatares da Querela entre os Antigos e os Modernos ao longo do século XIX. Essencialmente, trata-se de celeumas em torno da busca da identidade artística e literária nacional, deflagrada de maneira renovada com a Revolução Francesa e reatualizada com a abertura do romantismo às literaturas estrangeiras. O artigo “De l’esprit des traductions”, de 1815, de Mme de Staël (1766-1817) apresenta-se como um marco inaugural do debate concernente à tradução no quadro mais amplo da importação das literaturas estrangeiras: nele, a autora defende as traduções de uma maneira geral, e, especificamente, critica a tradição das “belas infiéis”: “não se pode, como fazem os franceses, dar sua própria cor a tudo o que se traduz”.<sup>3</sup> O tom está dado: é preciso combater o antigo hábito de adaptar e mudar o texto traduzido conforme o celebrado gosto francês – embora essa seja uma longa e árdua batalha, que precisará ser travada até meados do século XX. Entre escrúpulos estético-linguísticos e censura moral ou política, os textos traduzidos na França sofrem, tradicionalmente e sistematicamente, interferências e mutilações que tornam as *belles infidèles* verdadeiras aberrações aos olhos dos autores estrangeiros contemporâneos<sup>4</sup> (muitos dos quais ou não querem que suas obras sejam traduzidas para o francês, como é o caso de Ruskin, ou ameaçam desistir de contratos com editoras francesas, como é caso de d’Annunzio, ou, ainda, vigiam de perto seus tradutores, como é o de Ibsen).

A importação privilegiada de literaturas de língua inglesa (inclusive a norte-americana) corrobora o fenômeno da “anglofilia”, que se iniciara sob o Iluminismo do século anterior e que se desenvolve ao ponto de se tornar uma verdadeira “anglomania” até o final do século XIX – acompanhada, claro, de seu contraponto, entre as fileiras do meio intelectual (sendo que o confronto anglofilia-anglofobia é um dos aspectos desse quadro geral).

As Exposições Universais, que se organizam a partir de 1855, constituem grandes e importantes manifestações internacionais que transformam Paris, e, depois, outras capitais, em centros cosmopolitas. E a imagem da metrópole cosmopolita é inevitavelmente associada à ideia de um universalismo europeu anti-nacionalista – que domina certos meios políticos e intelectuais, em sintonia com a tradição humanista das Luzes. É o que defende, por exemplo, o crítico Théophile Thoré (1807-1869), ao

<sup>3</sup> STAËL, Madame de. De l’esprit des traductions. In *Oeuvres Complètes*, T.II. Estrasburgo: Firmin-Didot, 1844, p.294. As traduções livres são minhas.

<sup>4</sup> Um exemplo desse hábito é fornecido pelo próprio Proust. Ao escrever sobre as dificuldades de compreensão do texto de Ruskin (e da consequente dificuldade de tradução), Proust acaba testemunhando essa prática em carta ao diretor da revista *Renaissance Latine* (que acabara de publicar um trecho inédito de sua tradução da *Bible d’Amiens*), e explica: “Pour plus de vingt phrases, d’Humières me disait: ‘C’est impossible à traduire, cela n’a aucun sens en anglais. Si c’était moi je la sauterais’. A force de patience, même à ces phrases-là, j’ai fini par trouver un sens.” (carta a Constantin de Brancovan, [janeiro de 1903]. *Corr.* III, p.219-220). Robert d’Humières era amigo de Proust e tradutor de Kipling para a *Mercure de France* – uma das principais editoras da época.

exaltar a primeira Exposição Universal enquanto momento de nascimento de uma arte internacional:

Quando as artes de todos os países, com suas qualidades indígenas [...] terão adquirido o hábito das trocas recíprocas, o caráter da arte poderá conhecer, em todos os lugares, uma incalculável extensão, sem que o gênio particular a cada povo sofra alteração. Assim, se formará uma escola, primeiramente, europeia, ao invés das seitas nacionais que ainda dividem a grande família artista segundo a topografia das fronteiras; em seguida, uma escola universal, familiarizada com o mundo e para a qual nada que seja humano lhe será estranho/estrangeiro [“*étranger*”].<sup>5</sup>

Esse é um dos muitos testemunhos do ideal cosmopolita que marca os acontecimentos até a eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e parece predominar a dita “bela época”. Mas um exame para além do clichê revela que esse ideal estava longe de ser universal. De uma maneira geral, pode-se dizer que aos cosmopolitas opunham-se os nacionalistas. Alguns movimentos serão decisivos na formação e nas evoluções e circunvoluções desses dois grandes campos opostos (que, porém, não são blocos uniformes e estanques). Entre esses movimentos, estão o boulangismo (1889-1891, movimento acionado pelo Ministro da Guerra Georges Boulanger, que teve origem no movimento do “Revanchismo” decorrente da derrota para a Prússia e da conseqüente perda da Alsácia-Lorena para a Alemanha, em 1871; ligado à espionagem e com forte predisposição belicosa), e o dreyfusismo (1894-1906, conflito social decorrente da prisão do oficial francês judeu Alfred Dreyfus, por espionagem; os *dreyfusards* são partidários de sua inocência, os *antidreyfusards*, de sua culpa; período que coloca em relevo o anti-semitismo, até então, latente – ou relativamente discreto – da sociedade francesa como um todo). Eles agrupam e separam esquerda e direita, republicanos e monarquistas, adeptos do laicismo e católicos, cosmopolitas e nacionalistas em alinhamentos assimétricos, irregulares, e nem sempre previsíveis, em torno de questões e questionamentos de ordem política e social, e que vão servir de pano de fundo e como que condicionar questões e questionamentos de ordem estética, artística e linguística. Indivíduos proeminentes da vida artística e intelectual vão se posicionar por meio de obras artísticas, assim como de artigos, ensaios e manifestos publicados nas muitas revistas especializadas, que se formam, fundem, fecham, reagrupam, em constantes movimentações e flutuações de opinião, posturas e modismos.

A questão da tradução é fundamental nesse contexto em que a relação com o outro e a qualidade e o sentido dessa relação são colocados em debate, em jogo e em xeque. Nesse conjunto de conflitos ideológicos, a tradução aparece como tema complementar, e, às vezes, pivô de batalhas

<sup>5</sup> *apud* JOYEUX, Béatrice. Art moderne et cosmopolitisme à la fin du XIX<sup>e</sup> siècle. Un art sans frontières? *Hypothèses*, 1, 2003, p.149-162, <http://www.cairn.info/revue-hypotheses-2003-1.htm>, p.149

em torno da questão literária da proclamada “clareza” da cultura francesa: de um lado, os seus idealizadores nacionalistas, que veem suas origens, apenas, na cultura greco-latina (como se a cultura francesa não tivesse aportes da cultura germânica – problema nodal da questão, impregnado de conotações políticas) e para quem, logicamente, a tradição das *belles infidèles* não só se justifica como se preconiza; adequar o texto estrangeiro ao *goût* francês é considerado um gesto até civilizatório. De outro lado, os cosmopolitas, defensores, sobretudo, da influência das chamadas “brumas” vindas no “Norte”, ou seja, das culturas germânica e anglo-saxã; é de se supor que, devido ao legado dos intelectuais românticos que advogaram, como Mme de Staël (que fora a primeira a defender, textualmente, a necessidade de se traduzirem particularmente as obras estrangeiras vindas desse “norte”), a necessidade de se fazerem “belas fieis” seja levada em consideração.

Parte desse embate vai concentrar as atenções sobre o debate acerca do que é, de fato, “decadência”. Questionamento estreitamente ligado ao movimento simbolista, as divergências de opinião ultrapassam a esfera estética: em resumo, para os nacionalistas, a cultura francesa se enfraquece e torna decadente ao aceitar as influências das estrangeiras; para os cosmopolitas, a decadência é decorrência da exaustão da criatividade de uma cultura ensimesmada (cabe aqui nova referência ao trabalho crítico de Mme de Staël, para quem fechar-se às literaturas estrangeiras condenaria a poesia francesa à decadência e a uma repetição de formas<sup>6</sup>).

### Deuses inimigos e panteões de admiração

Não cabendo, na economia desse artigo, mais que um delineamento esquemático da complexa polarização que marca a *Belle Epoque*, pode-se colocar, entre os nomes mais proeminentes dos defensores da “clareza” do estilo francês, autores que vão se agrupar no movimento conhecido como Renascença Latina, que prospera durante a década de 1890, contra a “invasão” das literaturas estrangeiras. Alguns de seus expoentes atuam intensamente no circuito das revistas especializadas (em política, artes ou crítica literária), como por exemplo: Georges Renard (“L’influence de l’Angleterre sur la France depuis 1830”, *Nouvelle Revue*, julho 1885<sup>7</sup>); Jules Lemaître (“L’influence récente des littératures du Nord”, *La Revue des Deux Mondes*, dezembro 1894<sup>8</sup>); Eugène-Melchior de Vogüé (“La Renaissance latine, Gabrielle d’Annunzio”, *La Revue des Deux Mondes*,

<sup>6</sup> “As traduções dos poetas estrangeiros podem de maneira mais eficaz do que qualquer outro recurso, preservar a literatura e um país de suas fórmulas [*ournures*] banais, que são os sinais mais seguros de sua decadência.” (STAËL, op.cit, p.294).

<sup>7</sup> No início do último parágrafo de seu artigo, lê-se: “Vemos o enorme quinhão que a Inglaterra pode reclamar como seu na literatura cosmopolita da França atual. Ela penetrou, modificou profundamente o nosso gênio nacional”, p.715).

<sup>8</sup> Apenas um trecho ilustrativo: “corram e aproveitem, vocês que gostam dos escritores das neves e das brumas, pois pode ser que uma reação do gênio latino esteja próxima” (p.872, *apud* BIZUB, op.cit, p. 44).

janeiro 1895<sup>9</sup>). Grandes nomes da época, como Paul Bourget, Maurice Barrès, Léon Daudet, Charles Maurras e Henri Bordeaux vão escrever obras em que a temática do cosmopolitismo e da *francité* (“francesidade”, ligada, inclusive, ao elogio da vida interiorana) predominam (destacam-se, nesse quadro, *Cosmopolis*, 1893, de Bourget, e *Les Déracinés*, 1897, de Barrès).<sup>10</sup>

A *Renaissance Latine. Revue mensuelle, littéraire, artistique et politique*, será publicada entre 1902 e 1905, como porta-voz do neolatinismo europeu (iniciado na Itália com Gabrielle d’Annunzio e que abarca, também, a Espanha). Esse movimento conhece grande voga, sobretudo, entre 1900 e 1910, e propaga, essencialmente, a ideia de uma latinidade internacional como fundamento do nacionalismo cultural. Essa revista, porém, também dá voz a seus antagonistas, já que é nela que Proust edita, em 1903, um trecho de *La Bible d’Amiens*, do “nórdico e brumoso” Ruskin, assim como o seu importante ensaio “Sur la lecture” (famoso prefácio de *Sésame et les lys* – outro título do mesmo “invasor inglês”), este, no derradeiro volume da série. Ironicamente, nesse mesmo número, há um artigo de Jacques-Émile Blanche, amigo de Proust, sobre James Whistler (pintor norte-americano), inimigo de Ruskin – o que é emblemático da profusão e disparidade de ideias, correntes e tendências desses tempos, e do uso das revistas como palco de proselitismos, debates e dissidências; como veículo e instrumento da própria dinâmica das querelas.

Entre os representantes dos cosmopolitas nesse contexto, há os vários nomes que orbitam em torno de um dos principais periódicos formadores de opinião da época, o *Bulletin de l’Union pour l’Action morale* (BUAM, 1892-1905): de linha spinozista e kantiana, promove um reformismo social calcado no “espiritualismo republicano” e num “cristianismo laico”, ético; defende o solidarismo e foi uma das primeiras vozes a se definirem como *dreyfusarde*.<sup>11</sup> Fundado por um professor de Proust, o jornalista Paul Desjardins, conta com o apoio dos irmãos Goncourt, de Jules Renard, Edmond Jaloux, Jacques Rivière, do próprio Proust e tantos outros. Dentro da discussão que interessa aqui, cabe ressaltar a grande importância desse boletim na formação intelectual de Proust, que vai manter sua assinatura de 1893 a 1903. Pode-se comprovar

<sup>9</sup> O *incipit* do artigo é: “Devo o título desse estudo ao Sr. Jules Lemaître. Pudemos ler no último número da *Revue* o artigo interessante e patriótico, em que ele defendia a superioridade do espírito gaulês contra os gênios conjurados do Norte. Nosso campeão se insurgia valorosamente diante da quádrupla aliança dos saxões, germânicos, escandinavos e russos; ele devolveia ao nevoeiro da nevada Thulé esses invasores que, há quase um século, de Mme de Staël aos nossos contemporâneos, encontraram cumplicidades e fizeram, em nosso espírito clássico, uma brecha cada vez mais larga pela qual passaram, sucessivamente, romantismo, realismo, simbolismo, em suma, todas as variedades do exotismo” (p.187).

<sup>10</sup> Apenas a título de curiosidade, para mostrar a variedade das gerações presente nesse movimento, tem-se, por ordem de data de nascimento: Eugène-Melchior de Vogüé, 1848-1910; Paul Bourget, 1852-1935; Jules Lemaître, 1853-1914; Maurice Barrès, 1862-1923; Léon Daudet, 1867-1942; Georges Renard, 1867-1943; Charles Maurras, 1868-1952; e Henri Bordeaux, 1870-1963.

<sup>11</sup> Foi de uma dissidência em seus quadros, em 1898, por ocasião do Caso Dreyfus, que surgiu a antagônica Action Française (movimento de extrema direita, monarquista e nacionalista). A Union pour l’Action Morale tornou-se Union pour la Vérité (1905-1940).

esse fato nesse trecho de um artigo do volume de dezembro de 1895 do *BUAM*; nele estão apresentados três dos grandes escritores anglo-saxões que serão particularmente admirados por Proust:

Ralph Emerson, Thomas Carlyle, John Ruskin: guardem estes três nomes. Eles têm uma sonoridade estrangeira; mas são nomes amigos. O enérgico espírito anglo-saxão não pertence exclusivamente aos habitantes da grande ilha e do novo continente; no fundo de todos nós, franceses, italianos, alemães, há afinidades com eles; todos carregamos um pouco da Inglaterra dentro de nós<sup>12</sup>

Esse é o *incipit* da apresentação de um trecho traduzido de *Sésame et les lys*, que Proust vai traduzir integralmente uma década depois. Textos – tanto a apresentação crítica quanto o ensaio de Ruskin – de importância evidentemente capital para Proust. O trecho é descrito como uma “tradução fiel” (“Nós lhes oferecemos [...] a tradução fiel de uma conferência de Ruskin”<sup>13</sup> – o que reforça a noção de que os cosmopolitas atentam para fidelidade ao texto (contrariando, portanto, a prática corrente das adaptações ao gosto francês; essa “noção” é objeto de minha pesquisa atual).

O contato inicial de Proust com Ruskin ocorre, justamente, com a leitura de traduções esparsas de trechos de seus escritos editados no *Bulletin de l'Union pour l'Action morale*, realizada a partir de 1893. Trata-se, entre outros, de trechos de *Unto this Last*<sup>14</sup> e, sobretudo, de *Sésame et les Lys* – cuja apresentação citada acima termina com as seguintes palavras: “Talvez, se essa leitura lhe agradar, e se Deus nos conceder vida e vontade, nós lhes oferecermos, um dia, uma tradução do conjunto [dos textos aqui editados em diferentes números], num pequeno volume de cabeceira”.<sup>15</sup> Palavras proféticas e que lacraram o futuro de Marcel Proust nos próximos anos de trabalho árduo de pesquisa e tradução.

O *BUAM*, está, acredito, na origem do interesse de Proust por Ruskin, assim como pela tradução de Ruskin – cujos projeto e realização vão reorientar sua carreira literária e artística posteriormente. E Proust, quinze anos mais tarde, ao declarar o seu “panteão” de autores preferidos, como que rememora a lista de autores recomendados pelo boletim. Em carta a um amigo, e já escrevendo a *Recherche*, ele comenta a importância da literatura estrangeira e, particularmente, as de língua inglesa, na sua formação estética:

Acabo de ler algo muito belo que parece, infelizmente, um pouquinho (só que mil vezes melhor) com o que estou fazendo: *La Bien-Aimée* de Thomas Hardy. Não lhe falta sequer uma pequena dose de grotesco que se depreende das grandes obras

<sup>12</sup> *Bulletin de l'Union pour l'Action morale*, 1895, p.169 e *apud* BIZUB, Edward. *La Venise intérieure. Proust et la poétique de la traduction*. Neuchâtel : La Baconnière, 1991, p.46.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p.170.

<sup>14</sup> Proust faz menção em breve nota a páginas de *Les Deux Sentiers* traduzidas pelo boletim “há anos” em *Contre Sainte-Beuve* (PROUST, *op.cit.*, p.733). Essa revista ajudou a divulgar a obra de Ruskin e alguns de seus temas. Os números da revista podem ser lidos pela internet (programa Gallica, da BNF); entre menções e citações, o nome de Ruskin aparece em 22 volumes diferentes, entre 1893 e 1899.

<sup>15</sup> BIZUB, *op.cit.*, p.170.

[...] de George Elliott [sic] a Hardy, de Stevenson a Emerson, não há literatura que exerça sobre mim poder comparável à literatura inglesa e americana. A Alemanha, a Itália e, não raro, a França, deixam-me indiferente. Mas duas páginas de *Le Moulin sur la Floss* fazem-me chorar. Sei que Ruskin execrava esse romance, mas reconcilio todos esses deuses inimigos no Panteão de minha admiração.

Je viens de lire une très belle chose qui ressemble malheureusement un tout petit peu (en mille fois mieux) à ce que je fais: *La Bien-Aimée* de Thomas Hardy. Il n'y manque même pas la légère part de grotesque qui s'attache aux grandes œuvres [...] de George Elliott [sic] à Hardy, de Stevenson à Emerson, il n'y a pas de littérature qui attire sur moi un pouvoir comparable à la littérature anglaise et américaine. L'Allemagne, l'Italie et bien souvent la France me laissent indifférent. Mais deux pages du *Moulin sur la Floss* me font pleurer. Je sais que Ruskin exécrat ce roman-là, mais je réconcilie tous ces dieux ennemis dans le Panthéon de mon admiration.<sup>16</sup>

Proust, como tantos outros escritores, vai modular suas opiniões, afinando-as segundo os acontecimentos. Em 1896 (ano em que publica sua coletânea de poemas decadentistas e simbolistas), paradoxalmente, escreve um dos mais impactantes de seus artigos publicados na imprensa: “Contre l’obscurité”. Aqui, o autor se define “contra a obscuridade” do simbolismo e do decadentismo, mantendo, porém, que a “potência instintiva” de uma obra permanecia obscura, latente e interior:

o que cada palavra mantém, em sua figura ou harmonia, do charme de sua origem ou da grandeza de seu passado, possui, sobre nossa imaginação e nossa sensibilidade, uma potência de evocação ao menos tão grande quanto sua potência de estrita evocação. São essas afinidades antigas e misteriosas entre nossa língua materna e nossa sensibilidade que, ao invés de uma linguagem convencional, como são as línguas estrangeiras, compõem uma espécie de música latente, que o poeta pode fazer ressoar em nós [...] Ele rejuvenesce uma palavra ao tomá-la numa velha acepção, ele oscila entre duas imagens disjuntas das harmonias esquecidas [...com] o perfume da terra natal.

ce que chaque mot garde, dans sa figure ou son harmonie, du charme de son origine ou de la grandeur de son passé, a sur notre imagination et sur notre sensibilité une puissance d'évocation au moins aussi grande que sa puissance de stricte évocation. Ce sont ces affinités anciennes et mystérieuses entre notre langage maternel et notre sensibilité qui, au lieu d'un langage conventionnel comme sont les langues étrangères, en font une sorte de musique latente que le poète peut faire résonner en nous [...] Il rajeunit un mot en le prenant dans une vieille acception, il oscille entre deux images disjointes des harmonies oubliées [...avec] le parfum de la terre natale.<sup>17</sup>

Nesse momento, Proust parece defender o uso clássico da língua (contra o simbolismo, que ousa, inova e torna as palavras herméticas) e sua renovação pelo uso de velhas acepções, de arcaísmos, assim como defende o som e a ressonância da língua materna contra a “linguagem convencional” das línguas estrangeiras. A rememoração das “harmonias esquecidas” – que se busca através da escritura – só pode ressurgir das

<sup>16</sup> Carta ao amigo e diplomata Robert de Billy, [março] 1910, *Corr. X*, p.54-55.

<sup>17</sup> PROUST, Marcel. *Chroniques*. Paris: Gallimard, s/d [1927], p.141.

sonoridades da “terra natal” (um paradoxo desse artigo é o fato de que foi publicado na *Revue Blanche*, talvez a mais importante revista simbolista da época – num número em que haverá um artigo em resposta – e crítica – ao de Proust, em mais um exemplo do ambiente de efervescência polêmica que domina o diálogo intelectual e artístico da época).

Porém, em seu ensaio *La Venise intérieure. Proust et la poétique de la traduction*, o crítico suíço Edward Bizub, que analisa com detalhe a influência de autores ingleses na obra proustiana, cita um trecho de *The Mill on the Floss*, de George Eliot, que permite – embora ele não o faça – redimensionar a citação de “Contre l’obscurité”. Eliot, traduzida, dirá: “tais coisas são a língua materna de nossa imaginação, linguagem carregada de todas as sutis associações inextricáveis que as horas fugidias de nossa infância deixaram atrás de si”.<sup>18</sup> Depois de comparar essa citação com o trecho de “Contre l’Obscurité” acima, é legítimo supor, diante da similitude das expressões, que Proust, em suas leituras de George Eliot, já esteja se impregnando da visão da autora inglesa, e que, ao fazer o elogio da “língua materna”, faça, de maneira enviesada, indireta e sutil, o elogio da língua estrangeira, traduzida.<sup>19</sup>

Uma década mais tarde, em seu artigo sobre Nerval (1907/1908, de *Contre Sainte-Beuve*), Proust já terá presenciado a ascensão do movimento Renaissance Latine, que tenta depurar a literatura tanto dos artifícios decadentistas quanto da influência das literaturas estrangeiras, e admite:

Hoje, toda uma escola, que, a bem da verdade, foi útil, em reação à logomaquia abstrata reinante, impôs à arte novas regras, que ela acredita renovadas das antigas, e segundo as quais, como se começa a convir, para não tornar mais pesada a frase, não se a fará expressar simplesmente nada, e para tornar o contorno do livro mais claro, se banirá dele a expressão de toda impressão difícil de se exprimir, todo pensamento, etc, e para se conservar na língua seu caráter tradicional, se usarão constantemente frases que existem, frases feitas, sem mesmo se dar ao trabalho de se as repensar.

Aujourd’hui toute une école, qui à vrai dire a été utile, en réaction de la logomachie abstraite régnante a imposé à l’art un nouveau jeu qu’elle croit renouvelé de l’ancien, et où comme on commence par convenir que pour ne pas alourdir la phrase on ne lui fera rien exprimer du tout, que pour rendre le contour du livre plus net on en bannira l’expression de toute impression difficile à rendre, toute pensée, etc, pour conserver à la langue son caractère traditionnel on se contentera constamment de phrases qui existent, toutes faites, sans même prendre la peine de les repenser.<sup>20</sup>

Embora reconheça a “utilidade” do movimento (pois atacou o simbolismo), que não chega a nomear, Proust critica essa nova tendência

<sup>18</sup> *apud* BIZUB, *La Venise intérieure. Proust et la poétique de la traduction*. Neuchâtel: La Baconnière, 1991, p.52.

<sup>19</sup> *Le Moulin sur la Floss* foi traduzido por F. D’Albert-Durade em 1887, e reeditado em 1892, 1894, 1897, 1900, 1904, 1906, 1908, 1912 e 1922, além de uma segunda tradução de autoria não mencionada em 1893 – o que evidencia o interesse, na França, pela obra.

<sup>20</sup> PROUST, Marcel. *Contre Sainte-Beuve*. Paris: Gallimard, 1971, p.237. Segundo os editores da edição Pléiade de *Contre Sainte-Beuve*, o artigo sobre Gérard de Nerval (p.233-242) é uma resposta à reação de dois partidários da Renaissance Latine (Melchior de Vogüé, que critica um discurso de Maurice Barrès na Academia, e Jules Lemaître, que escreve um livro sobre Racine).

nos meios literários de insistir no gosto pela clareza, segundo a qual, para que a frase “não seja pesada”, ela acaba por não “exprimir mais nada”, e que reduz o “caráter tradicional da língua” a uma reprodução irrefletida e “constante de frases feitas”. Tendência que está, portanto, nas antípodas da literatura que o atrai – como descrito na citação de sua carta de 1910.

Outro aspecto da “anglofilia de Proust” é o fato de que não se pode descartar a própria reação ao estilo proustiano nesse quadro do antagonismo entre nacionalistas e cosmopolitas. Bizub lembra que o crítico Douglas Alden,<sup>21</sup> ao estudar a recepção da *Recherche* na França, constatou que a obra foi considerada, por alguns “não somente como uma entrada forçada (*effraction*) na tradição literária francesa” mas como uma verdadeira “invasão inglesa”.<sup>22</sup> Mas isso não era novidade para o escritor: já enquanto estudante, na Sorbonne, um professor havia criticado a redação de Proust como sendo “difícil de ler, escritura inglesa”.<sup>23</sup>

Dentre os autores “nórdicos” do panteão de sua admiração, Proust, então, elege, acima de todos, Ruskin. Este tinha posição de destaque pela sua estatura na própria Inglaterra, pela monumentalidade de sua obra em vias de tradução para diversos idiomas europeus e, a partir de 1900, quando de sua morte (o que leva a cair a interdição das traduções de sua obra para o francês), por ter sido lançado no cerne de uma corrida editorial na França.<sup>24</sup> Por ser, entre outras coisas, reformador socialista e moralista, os escritos de Ruskin são particularmente visados pelo setor nacionalista católico da França. Um artigo de Jacques Bainville (jornalista, historiador, acadêmico, e um dos fundadores da revista *Action Française*) comenta a tradução de *Sésame et les Lys* nos seguintes termos:

Já que John Ruskin está na moda, o Sr. Marcel Proust tem toda razão de traduzir Ruskin. Depois da *Bible d'Amiens...* [ele] acaba de verter para o francês *Sésame et les Lys*. Com símbolos e figuras, à maneira pré-rafaelita, não é, contudo, um livro inexpressivo [*fade*]. Parece, de fato, que o verdadeiro caráter de Ruskin foi alterado na França pelo excesso de delicadeza e elegância com o qual nos foi apresentado [...] Os Senhores de la Sizeranne, Jacques Bardoux, Marcel Proust são pessoas amáveis e dóceis. Fizeram Ruskin à própria imagem [...mas Ruskin foi] *um dos mais ácidos censores de seu tempo*.<sup>25</sup>

<sup>21</sup> Marcel Proust and his French Critics, Los Angeles, Lymanhouse, 1940.

<sup>22</sup> BIZUB, op.cit, p.49.

<sup>23</sup> Idem.

<sup>24</sup> Ruskin ficara conhecido do público francófono pelo ensaio de Joseph Milsand, *L'Esthétique anglaise. Etude sur M. John Ruskin* (1864, que Proust pode ter lido nas aulas do professor de filosofia do Liceu Condorcet, Alphonse Darlu). Mas o ensaio já não tinha mais projeção no final do século. Além dos artigos e traduções esparsas do BUAM, os leitores retomaram contato com a obra de Ruskin, sobretudo, por meio de publicações de Robert de la Sizeranne: *La peinture anglaise contemporaine* (1895), onde Ruskin tem destaque; e a série de quatro artigos intitulados “La Religion de la beauté”, publicados na *Revue des Deux Mondes* (1895 a 1897), reunidos no livro *Ruskin et la religion de la beauté* (1897).

<sup>25</sup> Esse trecho, extraído da *Gazette de France* de 02/07/1906, foi transcrito por Kolb em nota à carta de Proust a Souday, [03/07/1906], em que aquele associa este a Charles Maurras (outro de seus críticos), e pergunta quem é Bainville, autor da crônica “pouco amável” da citação (*Corr.* VI, p.141-142). Os títulos de La Sizeranne são citados na nota anterior, e Jacques Bardoux escreveu *Le Culte du beau dans la cité nouvelle. John Ruskin. Poète, Artiste, Apôtre*, 1900.

Aqui, Proust é visto como alguém “dócil” que “altera” ou deforma o “ácido censor” moralista que é Ruskin, para torná-lo palatável ao leitor francês, segundo o seu gosto “delicado e elegante”. Não são apenas os três tradutores (La Sizeranne, Bardoux e Proust) que são criticados nesse artigo, é toda a política editorial que incentiva, naquele momento, a difusão da obra de Ruskin na França. Trata-se do apogeu do interesse pela obra do britânico na França – que, depois, declina e fica quase completamente esquecida na França (até 2014, quando da segunda publicação das traduções de Proust, o público francês só conhecia os textos críticos de Proust ligados à tradução – prefácios, posfácios etc, que haviam sido editados separadamente, e só recentemente, portanto, redescobriu as formidáveis notas de pé de página que acompanham o texto traduzido, além do próprio texto de Ruskin).

### Um tradutor com perfil de autor

O comentário de Bainville traz a tradução de Proust ao cerne da questão da tradução (durante a *Belle Époque* ou não, aliás): as consequências políticas, intelectuais e artísticas de se verter para o francês obras expressivas de pensamentos desenvolvidos no estrangeiro. Pois a tradução em questão – como as demais a que é comparada (as de La Sizeranne e de Bardoux) – não é mero exercício linguístico. Trata-se de um conjunto de escritos críticos (prefácio, posfácio, artigos complementares e explicativos, notas informativas, resenhas e crônicas publicadas na imprensa) que “fazem Ruskin à imagem do tradutor” – afirmação que confere e constata a importância da visão e da interpretação do tradutor sobre o texto traduzido. Proust, como La Sizeranne e Bardoux (e outros ainda) são tradutores-comentadores, ensaístas e críticos de arte e literatura, que estimulam e convocam à leitura da obra de Ruskin na França. Traduzir é, portanto, também, colocar em evidência, em debate, em jogo, criar um horizonte de espera, agregar valores simbólicos aos textos e autores estrangeiros e suas ideias, coordenar, junto com os demais responsáveis pela importação de obras – editores, diretores de coleção, agentes literários, outros tradutores e demais mediadores desse processo – políticas e estratégias de difusão de textos e de autores.

O crítico Blaise Wilfert reúne esse grupo de atores do processo de importação literária sob a denominação de “cosmopolitas literários” (a quem o estudioso Christophe Charle chama “homens duplos”)<sup>26</sup> em seu estudo sobre a importância da tradução na construção dos campos literário e intelectual na França, entre 1885 e 1914. Para ele, “a tradução em torno de 1900 é tanto ou mais um problema de história social da cultura quanto um problema textual”,<sup>27</sup> e os tradutores “obtem o status de

<sup>26</sup> WILFERT, Blaise. Cosmopolis et l'Homme invisible. Les importateurs de littérature étrangère en France, 1885-1914. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 144, 2002, p.33-46, [http://www.persee.fr/doc/arss\\_0335-5322\\_2002\\_num\\_144\\_1\\_2806](http://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_2002_num_144_1_2806), p.35.

<sup>27</sup> Idem.

autor num contexto em que o discurso cultural sobre o estrangeiro ainda era pouco marcado pela especialização universitária”;<sup>28</sup> os intelectuais pertencem a redes de sociabilidade e contatos pessoais, federados em torno das múltiplas revistas especializadas; dentre eles, “os mais publicados obtinham, em seguida, a honraria de prefaciador, reservada a figuras reconhecidas da criação literária nacional, na medida em que se tratava essencialmente de um apadrinhamento: eles podiam passar por referência intelectual, caução na selva dos valores estéticos”.<sup>29</sup> Essa “selva” ou profusão de valores e de pequenas ou grandes revistas especializadas, disputam espaço e prestígio no mercado editorial nacional. Embora o crítico não o mencione, é exatamente esse o caso de Proust: não apenas tradutor, é prefaciador (forma das mais prestigiosas de se participar do processo de importação literária, segundo Wilfert), que “reserva para si o discurso geral sobre a obra”, espécie de “manipulação elegante”<sup>30</sup> da imagem do texto e do autor traduzidos, mas, também, de sua própria.

Associar-se ao autor – como foi o caso de Proust (entre outros) a Ruskin – foi uma estratégia de autovalorização em meio à profusão e confusão de nomes, alinhamentos e orientações de toda ordem. Ao se tornar um dos principais tradutores do esteta britânico na França da *Belle Epoque*, Proust ganha defensores e detratores, fomenta rivalidades com outros tradutores (particularmente, la Sizeranne, como se constata à leitura de notas às suas traduções e de sua correspondência pessoal), auferir prestígio no meio artístico e intelectual, e formula para si novo perfil: de autor de um enalhe (*Les Plaisirs et les jours*) firma-se como ensaísta e tradutor de renome e destaque entre seus pares. Sete anos depois da publicação de sua segunda e última tradução, em meio a intensa produção intelectual amplamente divulgada em revistas e jornais, Proust, sempre polêmico, revela Marcel entre burburinho e alarde, e passa a traduzir/interpretar/criar/escrever – como dito no início desse artigo –, o seu tempo, a *Belle Epoque*, e se torna, finalmente, o autor de *Em Busca do Tempo Perdido*.

A título de conclusão, cabe observar um comentário de Proust acerca do “reco de opinião” da “elite artística francesa” em relação Whistler – de quem é grande admirador (e que está presente em vários momentos de sua obra):

Você sabe que há, nesse momento, na elite artística da França, um terrível reco de opinião a respeito de Wisthler [sic]. Consideram-no como um homem de gosto sublime, que, por conta disso, induziu que pensassem que era um grande pintor, embora não fosse. Jacques Blanche, na *Renaissance Latine* [...] no fundo, exprimi com mais justiça e até fervor, a mesma opinião. Não é, de forma alguma, a minha.

Vous savez qu'il y a en ce moment dans l'élite artistique en France un terrible recul d'opinion pour Wisthler [sic]. On le considère comme un homme d'un goût

<sup>28</sup> Ibidem, p.38.

<sup>29</sup> Idem.

<sup>30</sup> Idem.

exquis qui a pu laisser croire par là qu'il était un grand peintre bien qu'il n'en soit rien. Jacques Blanche dans la *Renaissance Latine* [...] a au fond exprimé avec plus de justice et même de ferveur la même opinion. Ce n'est pas du tout la mienne.<sup>31</sup>

Essa observação sobre o artigo de Blanche registra de maneira exemplar as oscilações nas preferências e nos modismos que variam inconstantes e efêmeros na bolsa de valores estética do meio artístico da época – a “elite artística da França”, nas palavras do autor: assim como o gosto por Whistler, também o furor pelo romance russo e pelo teatro escandinavo (que marcara os anos 1890) despencara.<sup>32</sup> Nesse momento, “recua a opinião” sobre Whistler; logo em seguida, Ruskin; e durante os anos em torno da Segunda Guerra Mundial, o próprio Proust.

Recebido em 17/08/2017  
Aprovado em 08/01/2018

---

<sup>31</sup> Carta à amiga Marie Nordlinger, [24/06/1905], *Corr.* V: 259-262.

<sup>32</sup> CHEVREL, Yves, D'HUST, Lieven, e LOMBEZ, Christine. *Histoire des traductions en langue française. XIXe siècle. 1815-1914*. Paris: Verdier, 2012, p.302.